



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SARA SHEYLA SANTANA ALVES

**A MULHER ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CFP/UFCG:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

CAJAZEIRAS-PB

2018

SARA SHEYLA SANTANA ALVES

**A MULHER ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CFP/UFCG:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Luísa de Marillac Ramos Soares.

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A474m Alves, Sara Sheyla Santana.
A mulher aluna do curso de pedagogia do CFP/UFCG: desafios e perspectivas / Sara Sheyla Santana Alves. - Cajazeiras, 2018.
48f. :il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luísa de Marillac Ramos Soares.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Pedagogia. 2. Aluna – curso de pedagogia. 3. Mulheres estudantes-desafios. I. Soares, Luísa de Marillac Ramos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –37.013

SARA SHEYLA SANTANA ALVES

**A MULHER ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CFP/UFCG:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Aprovado em: 14 / 12 / 2018

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Luísa de Marillac Ramos Soares (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Profa. – Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas (Examinadora Titular)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Profa. Ma. Belijane Marques Feitosa (Examinadora Titular)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*A minha família!
Em especial a meu esposo e filha, que são os
maiores incentivadores na conquista desse
diploma, sem eles esse sonho não se tornaria
real.*

*Aos meus pais, avós, irmãos, sobrinha e tia
que são a minha força, que sempre estão
presentes me impulsionando a alçar os
maiores voos. E por fim dedico a todas as
mulheres que são super mulheres ao
exercerem o papel de filhas, mães, esposas e
profissionais fora e dentro do lar.*

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Pensei que esse dia nunca fosse chegar, mais enfim aqui estou eu escrevendo os agradecimentos do meu TCC, as lágrimas insistem em correr, porque cada palavra digitada é um filme passando por minha cabeça, então vamos lá iniciar os agradecimentos.

Em primeiro lugar agradeço ao Pai de Bondade que permitiu que eu tivesse a oportunidade de regressar ao planeta Terra e aqui conviver com cada pessoa que citarei nesses agradecimentos, e já que uma folha de uma árvore não cai sem consentimento, essa etapa só foi vencida graças ao Seu amor e Sua proteção.

Em seguida agradeço a minha filha Sara Sophia, que depois de seu nascimento me fez ser uma pessoa melhor, e todas as vezes que pensei em desistir do curso, ela me encorajava e dizia que eu precisava me formar. Agradeço imensamente pela ajuda na transcrição da entrevista, e quando estava fazendo a tabela do TALP, nunca esquecerei disso. É por você que concluo mais essa etapa em minha vida. É você sem dúvidas a minha força e minha vontade de vencer, e a alçar os voos mais altos. Obrigada por ser minha filha e por ter me escolhido.

Ao meu esposo Bruno Mendes. E como agradeço a ele! Por ter suportado todo o meu estresse, quando eu tinha que conciliar a minha vida acadêmica com o trabalho fora de casa, com estágios e os trabalhos de casa. Foi ele por muitas vezes os meus braços e como costume dizer o “PÃE” de Sophia, obrigada por ser o meu parceiro para vida, não poderia ter escolhido marido e pai melhor.

Aos meus pais Elizabete e Johnson, que sem sombra de dúvidas são os melhores que Deus poderia ter me dado. Por toda a sua simplicidade e dentro de suas condições terem mostrado a mim e aos meus irmãos que é sim a educação o único caminho que leva o ser humano a conquistar tudo que almeja, agradeço a vocês a mulher que me tornei hoje.

As minhas irmãs Sara Samita, Sara Samirys e meu irmão Túlio Sérgio, por me ajudarem sempre na trajetória acadêmica. A Samirys por ter sido a minha orientadora quando me vi sem, ajudando na construção desse trabalho. A Túlio por todo incentivo para a conclusão desse curso, e a Samita, ah! como tenho o que agradecer a ela! Apesar de toda brutalidade, se não fosse por ela, talvez eu não teria chegado até aqui, desde a aprovação do vestibular a apresentação do trabalho de conclusão estivemos sempre juntas, como diz ela: somos a máquina e o cérebro unidas, obrigada por tudo, vivenciamos coisas ao longo do nosso curso que contaremos aos nossos netos sorrindo e chorando futuramente, obrigada por tudo.

A minha sobrinha Sara Camilla que é como filha, que por amá-la como uma filha, quero dar a você todos os motivos para se orgulhar de mim, e me ter como exemplo, sei que fica tão feliz com essa minha conquista como fica com a da sua mãe.

Aos meus avós Francisca e Jandival e minha tia Jeane, obrigada por sempre estarem presentes nessa fase, em especial a minha avó Francisca por cada vez que eu e Samita saíamos para universidade ficava orando para Deus nos proteger enquanto íamos e voltávamos.

Ao meu tio Tico por todas as caronas para Universidade e a Vanilda por estar presente sempre ajudando com suas contribuições de agregar conhecimentos na graduação do curso. O meu muito obrigada!

Aos meu padrinhos Lúcia e Murilo Siébra que sempre mostraram o valor da educação, e principalmente pelas conversas, nas quais sempre diziam que é a educação o caminho que

leva a mulher ao seu empoderamento. Por acreditarem em mim, e terem contribuído com a minha educação quando meus pais não puderam, financiando todo o meu ensino médio. Não existem palavras e ações para retribuir o que fizeram por mim.

A minha família muito obrigada e eu os amo imensamente e sempre.

As minhas amigas Alessandra e Thamires que estiveram presente durante minha graduação, por ouvirem pacientemente minhas queixas diante os maiores desafios encontrados no percorrer do curso, e quando me cobriam no trabalho durante meus estágios, toda minha gratidão. E fico muito feliz por você Thamires ter se apaixonado por Pedagogia, como eu sou, acredito que tem um dedinho meu aí na opção do curso escolhido por você.

A minha orientadora Dra. Luísa de Marillac Ramos Soares por toda sua paciência para com meus estresses, e por toda sua dedicação ao meu trabalho já aos 45 minutos do segundo tempo, sem a senhora esse sonho não se tornaria real. Quando crescer desejo ser uma profissional tão humana e dedicada ao que faz, como a senhora. Obrigada!

A minha banca Ma. Belijane Marques Feitosa e Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas, eu não poderia deixá-las de fora desse momento ímpar da minha vida, já que escolhi para estarem presentes nessa etapa da minha vida aquelas que fizeram toda a diferença na minha trajetória acadêmica.

As professoras Kássia Mota e Rejane Lira pelas contribuições na construção desse trabalho, em especial a Rejane que na construção do projeto, por vezes tarde da noite respondia minhas aflições pacientemente, mostrando-me qual melhor caminho a seguir.

A cada entrevistada que dedicou um pouco do seu tempo para a construção desse trabalho o meu muito obrigada.

A Mariana da lanchonete, por todas às vezes me atender tão bem e fazer os melhores lanches naquele precinho. Acredito ser você o anjo na vida de todos os universitários desse Campus.

A minha turma de Pedagogia 2013.2 que não citarei nomes para não ser injusta com ninguém, pela irmandade construída ao longo dos cinco anos de curso, que apesar de todas as nossas diferenças nos momentos exatos a união e a empatia sempre prevalecia. Amo cada um em suas especificidades.

A cada um dos professores que passaram por minha vida acadêmica, por cada construção que forneceram de conhecimentos e principalmente na formação de uma profissional mais humana, foram vivências que levarei para sempre comigo, muito obrigada queridos docentes.

A Larissa que foi um presente enviado por Deus no momento exato e tanto contribuiu na construção do meu trabalho.

E por fim ao Trio Parada dura, composto por mim, Samita e Géssica. Samita já dediquei algumas palavras, agora ao melhor presente que a Universidade poderia ter me dado, sua amizade Géssica, tantos momentos vividos juntas! Lembro-me como se fosse hoje o primeiro dia de aula, quando disseram que você não podia fazer amizade com ninguém, e olha só quem diria que iríamos construir um elo que vai além dos muros da Universidade e quero te levar sempre comigo.

Parafraseando uma canção de Alberto Costa, “Fica sempre, um pouco de perfume, nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas...” certamente as mãos de cada um citado nesse trabalho tem suas mãos marcadas por esse perfume, e a cada um que

contribuiu direta ou indiretamente na realização desse sonho, meu reconhecimento e toda a minha gratidão.

Todas as Vitórias ocultam uma abdicação.

Simone Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho teve enquanto objeto de estudo a análise dos desafios e perspectivas das alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, almejando responder a seguinte questão problematizadora: quais as principais desafios enfrentados pelas alunas mulher do Curso de Pedagogia no decorrer do mesmo? Esses desafios são reflexos da condição de gênero? Para isto, teve como objetivos identificar os desafios e as perspectivas das mulheres alunas do curso de Pedagogia do CFP/UFCG; averiguar os fatores intervenientes que as alunas enfrentam para fazer o curso de pedagogia; compreender os desafios existentes no decorrer do curso; e analisar quais perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso. Para atender a estes objetivos, utilizou-se da pesquisa qualitativa de cunho exploratório descritiva, realizada com alunas do penúltimo período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, no qual foi aplicado um questionário sociodemográfico, uma entrevista semiestruturada e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). Em meio a todo processo de reconhecimento e melhor valorização da mulher em sociedade, as alunas entrevistadas demonstraram, a partir de suas falas, um contexto social com muita desigualdade e preconceito de gênero, apresentando enquanto principais dificuldades a perspectiva da dupla jornada de trabalho associado a vida acadêmica, bem como a responsabilidade da casa e dos filhos. Tendo suas perspectivas pautadas em um cargo com maior valorização idealizando um concurso público no almejo de sua autonomia e empoderamento. Percebe-se assim o sistema, apesar de ter sofrido modificações e mostrado avanços quanto às desigualdades e garantias de direito, a sociedade mantém o patriarcado.

Palavras-chave: Mulher. Aluna de Pedagogia. Desafios. Perspectivas.

ABSTRACT

The present study had as object of study the analysis of the challenges and perspectives of the students of the Pedagogy course of the Federal University of Campina Grande, aiming to answer the following problematizing question: what are the main challenges faced by female students of the Pedagogy Course during the course ? Are these challenges a reflection of the gender condition? For this, it had as objectives to identify the challenges and the perspectives of the female students of the course of Pedagogy of the CFP / UFCG; to ascertain the intervening factors that the students face to take the course of pedagogy; understand the challenges that exist during the course; and analyze what perspectives the students have with the conclusion of the course. To meet these objectives, a descriptive exploratory qualitative study was carried out with students from the penultimate period of the Pedagogy Course of the Federal University of Campina Grande, in which a sociodemographic questionnaire, a semi-structured interview and the TALP were applied. In the midst of all the process of recognition and better appreciation of women in society, the students interviewed demonstrated, from their lines, a social context with a lot of inequality and gender bias, presenting as main difficulties the perspective of the double working day associated with academic life, as well as the responsibility of the home and children. Having its prospects based on a position with greater appreciation idealizing a public tender in the hope of its autonomy and empowerment. The system is thus perceived, although it has undergone changes and shown advances in inequalities and guarantees of law, society maintains the patriarchy

Keyword:Woma. Student. Pedagogy. Challenges. Perspective.

LISTA DE SIGLAS

- CFP** Centro de Formação de Professores
- TALP** Teste de Associação Livre de Palavras
- TCLE** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFCG** Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 1 – LUTA FEMINISTA E EDUCAÇÃO	15
CAPITULO 2 – DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO FEMININA	20
CAPITULO 3 - DELINEAMENTO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	21
3.1 CENÁRIOS DA PESQUISA	22
3.2 ANÁLISE DOS DADOS	24
3.2.1 Dados sociodemográficos.....	24
3.2.2 Teste Associação Livre de Palavra.....	24
3.2.2 Entrevista.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERENCIAS	40
APÊNDICE A – Teste de Associação Livre de Palavras - TALP	
APÊNDICE B – Questionário Sociodemográfico	
APÊNDICE C – Entrevista Semiestruturada	
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objeto de estudo a análise dos desafios e perspectivas das mulheres alunas do curso de Pedagogia no CFP/UFCG-CZ, almejando responder a seguinte questão problematizadora: quais os principais desafios enfrentados pelas alunas mulheres do curso de Pedagogia no decorrer do curso? Esses desafios são reflexos da condição de gênero?

O estudo sobre gênero é uma abordagem na ciência que há pouco está sendo explorada, e a atração inicial pelo tema deu-se pelas dificuldades encontradas em conciliar as obrigações como mãe, aluna, esposa e profissional, e por ouvir relatos de colegas mulheres do curso que enfrentam os mesmos desafios. Trata-se de um estudo academicamente relevante, por ser entendido enquanto eficaz estratégia para discutir o papel apresentado e representado pela mulher frente à conclusão de uma formação, objetivando situar o contexto para superar os inúmeros questionamentos referentes ao fenômeno.

Para tanto, para se falar da posição de ser mulher na atualidade e suas vicissitudes, precisa-se discutir acerca do feminismo e seus movimentos enquanto instrumento de reflexão e mobilização social. Tomando como base Pedro e Guedes (2010) esse movimento define-se pela luta do reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres, reformulando os padrões sociais de papéis, e colocando na agenda pública a necessidade de políticas de gênero. Visão que corrobora com a literatura, na qual, movimento feminista, segundo alguns estudiosos (GREGORI, 2017; SANTOS; OLIVEIRA, 2010; ALVES; ALVES, 2013) são considerados movimentos sociais difundidos a partir de uma visão de defesa da igualdade de direitos, combatendo a opressão feminina, buscando autonomia e protagonismo social para as mesmas.

Ao se falar dos movimentos feministas e discussão de gênero, é necessário uma passagem histórica para compreensão de como se configurou o desenvolvimento dos mesmos. Durante muito tempo, tinha-se a ideia que o homem possuía uma dominação sobre a mulher, contexto ainda encontrado, apesar de mais escassos, nos dias atuais. A mulher deve ser considerada submissa, segundo esse pensamento. Essa ideia de discrepância e superioridade de gênero foi construída sócio-historicamente, datando do período patriarcal (CUNHA, 2014).

O patriarcado é um sistema de relações de gênero, em que é possível determinar posições de dominação e submissão. Configura-se enquanto um sistema de relação social, no qual se precisa de pelo menos dois sujeitos, um subordinado ao outro, que possui uma posição de poder, dessa forma considerado superior (CUNHA, 2014) fazendo com que o sexo masculino seja detentor do poder e a mulher, caracterizada como um ser submisso, se desfazendo das suas próprias vontades, para se submeter ao homem.

A partir de 1930, as mulheres começaram a lutar em busca dos direitos e dessa forma, foi sendo inseridas aos poucos na esfera social (BRASIL, 2012). Entre as conquistas e marcas legais de mulher, podemos citar, o direito ao voto, condições humanas no trabalho e a criação de Lei Maria da Penha, que foi considerada um grande avanço na luta pelos seus direitos.

Com base nessas observações, o objetivo geral desta pesquisa foi o de Identificar os desafios e perspectivas das mulheres alunas do curso de Pedagogia do CFP/UFCG e os específicos: Averiguar os fatores intervenientes que as alunas enfrentam para fazer o curso de pedagogia; Compreender os desafios existentes no decorrer do curso e Analisar quais as perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso pedagogia.

Este trabalho está composto por três capítulos. No primeiro capítulo denominado Luta feminina e educação, aborda uma revisão histórica acerca do movimento feminista no Brasil e no mundo, tratando-se de um resgate literário acerca da história do papel da mulher, a partir de uma breve discussão do discurso de gênero e do sistema patriarcal. Nesta parte ainda temos os aspectos históricos referentes à educação feminina, abordando uma breve revisão sobre as conquistas das leis que amparam os direitos igualitários.

No segundo capítulo, denominado desafios para a educação feminina, trata de um resgate literário acerca da educação para mulheres e como esta, historicamente, foi difundida, e uma discussão acerca dos desafios nesta perspectiva de ensino. No terceiro capítulo temos os procedimentos metodológicos da pesquisa, no qual são evidenciados os caminhos trilhados para desenvolvimento do trabalho. Logo após, apresentamos os resultados e discussões acerca dos dados encontrados na pesquisa sobre o fenômeno de estudo.

Posteriormente será exposto as considerações sobre os achados do trabalho, seguido das referências utilizadas enquanto suporte teórico.

CAPITULO 1 – LUTA FEMINISTA E EDUCAÇÃO

Durante muito tempo a mulher era proibida de ser autora da sua própria história, ficando “presa” aos rígidos padrões culturais. Tinha seu modo de ser definido pela família, pela escola, e pela sociedade em geral, caso decidisse não seguir, era duramente oprimida (PEDRO; GUEDES, 2010). Essa construção histórica permeia até os dias atuais, na qual as mulheres são vítimas de violência geradas até mesmo no próprio lar. Dessa forma, o empoderamento feminino torna-se primordial para mudar o contexto social da mulher, provocando assim, a tomada de consciência crítica, e, com isso, mudando sua forma de ver e agir no mundo. O empoderamento refere-se à capacidade do indivíduo de gerir sua vida, de ter autonomia sobre ela, agindo no sentido de melhorar a sua condição atual de vida. Refere-se à capacidade do indivíduo de ser autor de atitudes e ações que possam escolher e modificar seu modo de viver (BAQUERO, 2012).

No final do século XVIII e início do XIX os movimentos feministas tomaram forma, com a tomada de consciência da exploração e opressão que eram submetidas às mulheres. Nesse momento histórico a família tinha perdido o espaço de unidade produtiva, passando as fábricas ser introduzidas nesse mecanismo. Nesse contexto, as mulheres foram requisitadas para ao trabalho fabril, intensificando a condição de inferioridade ao serem pagos salários inferiores aos dos homens e sua jornada de trabalho eram excessivas e insalubres. (GREGORI, 2017).

Na França, neste mesmo período histórico, estavam sendo desenvolvidas organizações de mulheres que lutavam por igualdade de direitos, defendendo e conquistando melhorias de trabalho, educação, saúde, direito ao voto, casamento civil, a legalização do divórcio. Essas organizações foram as responsáveis por impulsionar a criação do movimento feminista (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, apud SANTOS; OLIVEIRA, 2010). “Nesse viés, o movimento feminista, na sua multiplicidade de relações constrói articulações, se amplia e se corporifica não de modo isolado e alienado, mas sim dentro de um contexto mundial” (GREGORI, 2017, p. 48).

O feminismo favoreceu a estratégias de desconstrução da estrutura patriarcal, e das desigualdades, lutando por autonomia e cidadania. No Brasil, o movimento se manifestou intensamente na luta pelo direito ao voto – direito conquistado em 1932 com a promulgação do novo código Eleitoral Brasileiro. Ainda nessa primeira articulação do movimento no Brasil, tem-se o destaque para o movimento de operárias de ideologia anarquista, em busca da

melhoria nas condições de trabalho nas fábricas. O movimento, no contexto mundial, perde força nessa década, surgindo novamente apenas na década de 1960 (PINTO, 2010). A conjuntura brasileira se delineava nesse período da seguinte forma:

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova. Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava. Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador (PINTO, 2010, p. 16).

Nesse momento, de regime militar, no Brasil, o movimento feminista, diferente da Europa e Estados Unidos, sofre uma forte repressão, por se aproximar da esquerda e dos conceitos marxistas, ganhando força com a mística feminina apenas em 1963. Com as ideias para romper o tradicionalismo sobre a mulher, proporcionando assim, para que em 1975, fosse declarado o Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU)(ALVES; ALVES, 2013).

Foi então que em meados de 1970, no âmbito internacional, foi criada a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (The Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women - CEDAW), que foi validada pelo governo brasileiro, em 1984. A CEDAW defende a igualdade de direito entre homens e mulheres e prevê o direito ao voto, acesso à educação, fim do casamento forçado entre crianças e assim por diante. (ALVES; ALVES, 2013).

Após a redemocratização do Brasil, a partir da década de 1980, o movimento ganha força com a adesão da camada popular, com a mobilidade contra o racismo, e a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher em 1984. Em 1988 a Constituição Federal reconhece homens e mulheres como sujeitos de direitos iguais. A partir de então aconteceram alguns marcos a favor da mulher (ALVES; ALVES, 2013).

Na década de 1990, a mobilização configurou na luta contra a violência doméstica, formulando a convenção de Belém do Pará em 1994, para punir prevenir e erradicar a violência contra a mulher, ganhando força em 2006, com a promulgação da Lei 11.340 - 07/08/06 - Lei Maria da Penha- LMP, considerada uma grande conquista (BRASÍLIA, 2012).

Nesse contexto histórico, surgem os debates sobre sexualidade, corpo da mulher e a saúde, com uma linguagem inovadora e feminina, questionando o papel cultural e social da mulher.

Percebe-se que, as formas de opressão à mulher são geradas a partir das relações de gênero, atingindo boa parte da população feminina, uma realidade que foi construída historicamente a partir das relações sociais e que permanece até os dias atuais. A este respeito Cunha (2014) nos auxilia com a distinção entre gênero e sexo:

Gênero é uma categoria criada para demonstrar que a grande maioria das diferenças entre os sexos são construídos social e culturalmente a partir de papéis sociais diferenciados que, na ordem patriarcal, criam polos de dominação e submissão. O sexo descreve as características e as diferenças biológicas, que estão exclusivamente relacionadas a anatomia e a fisiologia. Gênero, por sua vez, engloba as diferenças sócio-culturais existentes entre o sexo feminino e o masculino, as quais foram historicamente construídas (CUNHA, 2014, p. 150).

Sendo assim, gênero está relacionado à construção social do sexo anatômico, no qual o homem a partir de sua anatomia é reconhecido culturalmente como o detentor do poder, da força e assim apto a comandar. Já a mulher, a partir de sua condição anatômica, ou seja, a partir da vagina, acaba sendo considerado o ser frágil e educada à domesticidade.

O modo de ser homem e mulher é definido inicialmente a partir da gestação, em que o sexo do bebê é descoberto. Através da anatomia escolhem-se os brinquedos, as cores do quarto, da roupa, e à medida que nasce e vai se desenvolvendo, os papéis masculinos e femininos são determinados, ao primeiro, destinado ao espaço público, enquanto ao segundo, a esfera privada.

Assim, por volta da década de 70, através de estudos feministas, houve alguns avanços no que diz respeito ao gênero, este ganhou uma nova identidade, sendo considerada como construção social do sexo anatômico. Essa nova visão veio contrapor a qualquer tipo de visão simplista sobre gênero, pregando a desnaturalização do que é ser homem e mulher, determinado pela sociedade (CONCEIÇÃO, 2009).

Através do feminismo, que é um movimento político e social, que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres, o conceito de gênero ganhou uma nova perspectiva, que traria a diferença entre o social e a anatomia humana, enquanto o patriarcado determinava modos rígidos de ser a partir da biologia humana. Nesse sentido, essa nova ênfase, foi considerada um grande avanço, uma vez que contribui na busca da desconstrução do determinismo biológico, defendido e reproduzido pelo sistema patriarcal.

A esse respeito voltemos ao patriarcado, este está ligado às diferenças de gênero, sendo um sistema que ocorre através das relações sociais, e se reproduz no decorrer do tempo, nas mais diversas formas de opressão ao sexo feminino. De acordo com Camurça (2007) esse sistema se dá através da reprodução de quatro combinações: o domínio sobre o corpo; a violência tornando a mulher um ser subordinado; a manutenção da dependência financeira da mulher e por último a interferência da mulher na esfera política, impedindo-a de participar desse meio. O modelo de família estabelecido no sistema patriarcal era comandado pelo pai, considerado o chefe, aquele que comandava e dava as ordens que deveriam ser cumpridas no lar, enquanto à mulher cabia apenas às tarefas que se restringiam a esfera privada, como cuidar da casa, dos filhos, e do marido.

O patriarcado é um sistema bastante utilizado pelos estudos feministas, ocorre por meio da exploração e dominação da mulher, é um modelo construído historicamente e que é modelado por uma ideologia que defende e leva o homem a dominar a mulher, colocando-a em uma posição de subordinação (BRASIL, 2012).

Mesmo apontando anteriormente neste texto todos os avanços conquistados legalmente pelas mulheres, sentimos a necessidade de informar que durante o período colonial as mulheres não tinham o direito de acesso à educação, algo que cabia apenas aos homens. À mulher cabia apenas a educação de uma vida recatada, na qual os únicos objetivos era casar, ter filhos e ser dona de casa, esses eram os seus maiores deveres. Além de lhe ser roubada o direito de frequentar a escola, elas teriam que aceitar as relações fora do casamento do seu marido com as escravas, essas consideradas símbolo de desejo sexual e de prazer. Porém, as consideradas mulheres de família, a relação sexual se dava apenas com o objetivo para a reprodução (SOUZA; BALDIWN, 2000).

Existiam algumas exceções quanto ao estilo de vida dessas mulheres, pois as que eram pobres não poderiam ficar apenas com a tarefa de cuidar do lar, por questões financeiras precisavam trabalhar fora de casa, porém o seu contato com o público lhe acarretava consequências, em que acabavam sendo tachadas de vadias, mulheres da vida e sem valor. As mulheres consideradas de família e, portanto, de valor, eram aquelas que se restringiam apenas aos afazeres reservados ao privado, não saíam desacompanhadas e seu único lazer era ir à igreja (FOLLADOR, 2009).

Nesse mesmo contexto existiam três determinações para as mulheres: as honradas eram aquelas que seguiam os padrões estabelecidos pela sociedade, tais como: de privacidade, e destinada ao lar. As sem honra, eram aquelas que tinham relações sexuais antes do casamento, e por isso eram consideradas sem honra, sendo motivo de vergonha para a família.

As desonradas eram aquelas que estavam expostas à esfera pública, ao mundo da prostituição, às ruas (FOLLADOR, 2009).

Durante esse período era tirado da mulher o direito de construir a sua própria história, de ter sua posição enquanto ser, de poder expressar seu modo de pensar e como desejava agir no mundo. Vivendo sob as ordens do seu marido, considerado superior, enquanto colocava a mulher em uma posição de inferioridade. Toda essa fiscalização sobre a mulher era primordial para manter a sua honra. Se fosse solteira, era vigiada para que preservasse sua honra, que dependia dos cuidados dos homens da família. Quando casada, era vigiada pelo marido, para que fosse assegurada a sua honra, ou seja, a moral da família era depositada toda sobre mulher, dela dependia assegurar um bom conceito estabelecido pela sociedade (FOLLADOR, 2009).

Porém, como já dito, esse modelo de ser mulher começou a ser duramente criticado, seguida de alguns movimentos iniciados por mulheres, descontentes com a desigualdade de direitos a partir da anatomia, foram às ruas, lutar por reconhecimento e igualdade. Aos poucos conseguiram alguns direitos, como o acesso à educação, entrada no mercado de trabalho, o direito de voto e participação na esfera política. Em meados de 1930 aconteceu uma maior inserção da mulher na esfera pública. Elas acabaram ocupando cargos de trabalho e lutando por seus direitos, deixando-as assim mais exposta socialmente. Essa exposição acarretou algumas consequências, a violência aumentou e a mulher que antes era agredida pelo marido, caso contrariasse o modelo imposto socialmente, passou a ser agredida também por outros sujeitos, o que veio aumentar a passividade da mulher em relação ao homem (BRASIL, 2012).

Nesse contexto existem dois tipos de patriarcado, o privado e público. No primeiro, os principais agentes de exclusão da partição social é o seu pai e marido, já no segundo as mulheres tem acesso à esfera pública, porém ainda existe o sistema de dominação e subordinação. Nos dois modelos existe a opressão, o que acontece é uma passagem da subordinação privada para o espaço público (WALBBI, 1990, apud AGUIAR, 2000).

Assim, é de fundamental importância investigar os processos e desafios enfrentados por mulheres no sistema educacional, de maneira que possibilitem a compreensão do fenômeno, bem como minimizar as dificuldades que são impostas para diminuição dessa visão machista recorrente na atualidade.

CAPITULO 2 – DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO FEMININA

A educação, no Brasil, é um dos principais componentes da proposta de promoção social e uma das primeiras em que se institui um aparato profissional para a oferta de bens e serviços como objetivo de política pública. Conta com serviços públicos estruturados de alfabetização, educação básica, educação superior e pós-graduação. O número de escolas disponíveis no sistema educacional brasileiro chega a 180 mil. Além disso, na educação básica estão empregadas cerca de dois milhões de professores dos quais 1,6 milhão na rede pública. No superior, são por volta de 340 mil docentes, em 120 mil instituições públicas. Este aparato físico e humano se faz acompanhar de serviços e meios que contribuem para o desenvolvimento da educação (CASTRO; CARVALHO, 2013).

Segundo Fernandes, *et al*, (2012) a educação é necessária para a conquista da liberdade de cada um e o seu exercício de cidadania, para o trabalho, para a autonomia. A educação é necessária para a sobrevivência dos seres humanos. O acesso à educação é direito de todo cidadão brasileiro e há legislações, bem como acordos ou normas nacionais e internacionais que visam estabelecer tais direitos, como mostra o relatório nacional para o direito a educação. A declaração universal dos direitos humanos reconhece o direito à educação em seu artigo 26º e estabelece que o objetivo dele é o pleno desenvolvimento da pessoa humana e o fortalecimento do respeito aos direitos humanos.

O educar e o educar-se estão, dessa maneira, intimamente associados ao partilhar das vivências em grupos, nas quais os conhecimentos/saberes são produzidos/(re)significados/lembrados a partir das práticas sociais, pois tem “o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar a viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas” (OLIVEIRA, *et al*, 2014, p. 33).

Partindo dessa premissa, ao analisar a entrada do público feminino nas instituições de ensino, essa abertura de ensino apresenta grandes aspectos contraditórios, para isto Quadros (2017) destaca o paradoxo existente no desenvolvimento da educação. Diante da expansão do ensino brasileiro, o público feminino teve sua entrada nas instituições, com uma grande participação, ultrapassando, por vezes, o público masculino, porém sua entrada e permanência evidenciam as relações de desigualdade de gênero, uma vez que as mesmas são direcionadas a escolher “profissões femininas”.

Registros apontam que o público feminino passou a frequentar a instituição, com maior destaque, no final da década de 1980. Naquela época, segundo relatos, as alunas enfrentavam o

preconceito de estudar numa escola, predominantemente, masculina. Cabe ressaltar que esse constrangimento alcançava até as servidoras da instituição, inclusive as professoras (MENDES, 2015, p. 118).

De acordo com Mendes (2015) o sistema educacional representa o aspecto mais eficiente do conservadorismo social, pois através de suas perspectivas legitima a desigualdade (de gênero) ao naturalizar a aceitação de um dom social como um dom natural. Os achados na literatura diante do tema corroboram com essa naturalização.

[...] Como se diz por vezes, para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável; ela está presente, ao mesmo tempo em estado objetivo (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando com sistemas de esquemas de percepção, de pensamentos e de ação (BOURDIEU, 1999, p. 17).

Significa dessa maneira que o sistema masculino ainda predomina impondo e reprimindo os comportamentos femininos, uma vez que esses foram ensinados durante séculos a terem um comportamento de superioridade e dominação, e as mulheres doutrinadas a obedecerem e aceitar essa realidade, agindo conforme o que lhes eram determinados (FANTIN; D’AGOSTINI; MARCO, 2018). “Dessa forma, mesmo com todos os avanços, no século XXI esses comportamentos ainda ocorre e são muitas vezes, reforçados” (idem. p. 6).

Assim, é de fundamental importância investigar os processos e desafios enfrentados por mulheres no sistema educacional, de maneira que possibilitem a compreensão do fenômeno, bem como minimizar as dificuldades que são impostas para diminuição dessa visão machista recorrente na atualidade.

CAPITULO 3 - DELINEAMENTO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa do tipo exploratório descritiva. A pesquisa qualitativa consiste em uma abordagem no qual o pesquisador não está interessado na representatividade numérica dos achados, mas, no seu aprofundamento e desenvolvimento da compreensão de um grupo social, organização, etc. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa exploratória objetiva construir uma familiaridade com aquilo que está sendo estudado, de forma que a pesquisa se dê em uma maior compreensão. “A grande maioria dessas pesquisas envolve: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas

que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2007 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35). A pesquisa descritiva, por sua vez, tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008). A pesquisa descritiva, por sua vez, tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008).

A natureza do objetivo de estudo faz-se através da pesquisa básica, esta pesquisa tem como finalidade originar novos conhecimentos e assim possibilitar que a ciência progrida, sem que necessariamente haja aplicação prática prévia (PRODANOV; FREITAS, 2013).

3.1 CENÁRIOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande Campus Cajazeiras –PB, com discentes mulheres do penúltimo período do Curso de Pedagogia, nos turnos manhã e noite.

De acordo com Minayo (2008), a população de uma pesquisa poder ser definida como o todo, ou seja, o universo com elementos nos quais podem ser medidos e mensurados, a amostra é definida como uma parte da população que servirá de base para a coleta de dados de uma pesquisa.

Com intuito de atender aos objetivos, geral: identificar os desafios e perspectivas das mulheres alunas do curso de Pedagogia do CFP/UFCG e específicos: averiguar os fatores intervenientes que as alunas enfrentam para fazer o curso de Pedagogia; compreender os desafios existentes no decorrer do curso; analisar quais perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso de Pedagogia, utilizamos os seguintes instrumentos e técnicas:

- ✓ Questionário sociodemográfico
- ✓ Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)
- ✓ Entrevista

O questionário sociodemográfico possibilitou conhecer as participantes quanto às questões relacionadas à idade e seu estado civil.

O Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) é um instrumento de pesquisa que tem por base a associação de ideais, uma técnica projetiva com intuito de auxiliar nos processos que favorecem a elucidação das estruturas psicológicas, visando estimular uma rede

de associação, do indivíduo, diante de um estímulo indutor, em relação ao objetivo e ao fenômeno. Assim a técnica tem por objetivo estimular, tornar-se observável, registrar, e obter a comunicação verbal (TAVARES, et al, 2014; COUTINHO, 2017).

Para coleta de dados foi realizado o TALP com 26 alunas. Escolhemos as alunas que estão quase na conclusão do Curso, ou seja, alunas do 9º período do turno da noite e do 8º período do turno da manhã, com o intuito de melhor compreensão dos desafios encontrados por elas no decorrer do curso. Nestas duas turmas existem 39 alunas, porém, obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão, o TALP foi aplicado com as alunas presentes durante atividade em sala de aula, num determinado dia agendado anteriormente com a professora da disciplina, contabilizando 26.

Para aplicação do TALP, solicitamos as participantes que escrevessem as 06 (seis) palavras que primeiro vinham à sua mente, ao ouvirem a expressão “Ser mulher e aluna de Pedagogia é...”, e em seguida enumerassem de acordo com o que elas consideravam a mais importante de 01 a 06, e posteriormente justificassem o porquê de terem escolhido aquela como a mais importante. Nesse processo, solicitamos que justificassem algumas palavras que nos chamaram atenção e não foram enumeradas como a primeira mais importante.

Na entrevista semiestruturada, atendendo aos objetivos específicos: averiguar os fatores intervenientes que as alunas enfrentam para fazer o curso de pedagogia; compreender os desafios existentes no decorrer do curso; analisar quais perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso de Pedagogia, foi elaborada 4 questões: O que lhe motivou cursar Pedagogia? Sendo aluna mulher de Pedagogia quais os maiores desafios enfrentados para concluir o curso? Quais as perspectivas que você almeja alcançar com a conclusão do curso de Pedagogia? Diante de cada desafio enfrentado para conclusão do curso, você acredita que as perspectivas supram esses desafios, por quê?

Quanto à entrevista, entrou-se em contato, via WhatsApp, com as alunas que participaram do TALP para agendamento de dia e horário que elas tinham maior disponibilidade. Das 26 que participaram do TALP, nove aceitaram participar da entrevista. As entrevistas aconteceram no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras.

Segundo Minayo (2008), a entrevista semiestruturada é composta de perguntas abertas, na qual o pesquisador precisa ficar atento para esclarecimento de alguma questão que porventura gere dúvidas. Esse tipo de pesquisa é mais parecido com um diálogo comum, tornando o trabalho mais prazeroso tanto para o entrevistado quanto para o pesquisador, e é ainda focado em determinado assunto, ou seja, já tem um objetivo pré-definido.

Antes de realizar a coleta de dados, vale salientar que foi esclarecido sobre o objetivo da pesquisa, e solicitado sua participação através da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como também foi solicitado que criassem um pseudônimo para sua identificação, para preservação de sua identidade.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

3.2.1 Dados sociodemográficos

As participantes desta pesquisa são 26 mulheres, alunas do penúltimo semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Todas participaram do TALP, destas, 09 participaram da entrevista.

No que diz respeito à faixa etária, esta variou entre 20 a 38 anos de idade, com concentração maior entre 26 a 30 anos, 10 mulheres; e menor, entre 31 a 35 anos, com 03 mulheres. Quanto ao estado civil, verificamos que entre as 26 entrevistadas, 16 são solteiras e as demais são casadas. Para as 09 entrevistadas, ao serem indagadas sobre a maternidade, 04 afirmaram terem filhos. Ainda entre as 09 entrevistadas, 04 afirmaram apenas estudar, enquanto as demais têm uma ocupação/profissão.

3.2.2 Teste Associação Livre de Palavra

A partir da aplicação do TALP, com intuito de responder ao objeto de estudo: a mulher aluna do curso de Pedagogia do CFP/UFCG foi possível construir as categorias de análise. Para compreender a percepção das discentes, foi orientado que evidenciassem o que lhes remetiam significância ao ouvir a expressão “ser mulher e aluna de Pedagogia é”.

Após análise das evocações, organizamos em sete dimensões: *afetiva; empoderamento feminino; humana; profissional; sociofamiliar; político e religiosa*. Os resultados estão representados no Quadro 01, a seguir, e na sequência, sua análise.

QUADRO 1: Ser mulher e aluna de Pedagogia é... “(continua)”

Dimensão	Evocação	Quantidade
AFETIVA	Dedicação	6
	Vencedora	3
	Sonho	3
	Difícil*	3
	Amor*	3
	Felicidade/feliz*	3
	Prazeroso	2
	Complicado*	2
	Sofredora	2
	Desvalorização	2
	Gentileza	1
	Gosto	1
	Gratificante	1
	Perdedora*	1
	Generoso	1
	Conturbado	1
	Auto-aceitação	1
	Afirmação	1
	Paciência	1
	Ótima	1
	Preconceito	1
	Otimista	1
	Confiante	1
	Surpreendente	1
	Desafiante	6
	Determinação	3
	Humana*	2
	Transformação	2
	Elegante	1
	Conturbado*	1
Batalhadora	1	
Cansativo	1	
Superação	1	
Crescimento	1	
Desmotivador	1	
Pessimista*	1	
Capacidade	1	
Sub total		65
EMPODERAMENTO FEMININO	Coragem*	10
	Resistência*	8
	Força	5
	Reconhecimento*	3
	Luta	3
	Empoderamento*	3
	Esforçada*	2
	Persistir	2
	Autonomia*	1
	Audaciosa	1
	Insistente	1
	Guerreira	1
	Ir avante	1
	Vitória*	1
Progresso	1	
EMPODERAMENTO FEMININO	Maioria	1
	Conquistadora	1
	Liberdade*	1
	Autoridade	1
	Garra	1
	Vontade	1
	Polivalente	1
	Feminismo*	1
subtotal		51

Continua

PROFISSIONAL	Inteligente	3
	Trabalho	3
	Pedagoga	2
	Educadora	2
	Competência	2
	Reflexão	1
	Universidade	1
	Ensino	1
	Sabedoria	1
	Professor	1
	Escola	1
	Livros	1
	Independência*	1
	Conhecimento	1
Aprendizagem	1	
Sub total		22
SOCIOFAMILIAR	Familia	2
	Importante*	2
	Casa	1
	Trabalho	1
	Amigos	1
	Tia	1
	Social	1
	Essencial	1
	Fundamental	1
	Normal	1
	Interessante	1
Sub total		13
POLITICO	Igualdade*	2
	Crítica	1
	Transformação	1
	Político	1
	Consciência	1
Sub total		7
RELIGIOSA	Fé*	1
	Desprender-se	1
	Autoconhecer-se	1
	Recriar	1
Sub total		4
TOTAL		162

FONTE: O autor, 2018.

* evocações que foram justificadas pelas participantes da pesquisa

- **Dimensão afetiva**

A seguinte dimensão agrupam sentimentos que as alunas expressaram em relação ao indagado sobre “ser mulher e aluna de pedagogia é”. Foram dessa forma, evocadas 65 palavras, das quais foram justificadas as expressões: difícil (2); complicado (1); conturbado (1); pessimista (1); perdedora (1); humana (1); Amor (1); e felicidade/feliz (1);

Percebe-se que a maioria das expressões justificadas traz uma conotação negativa a respeito do fenômeno pesquisado, ou seja, sentem-se afetadas negativamente nesse processo. As palavras, **difícil, complicado e conturbada**, foram agrupadas por semelhança significativa e justificadas das seguintes maneiras:

Difícil – é difícil pela questão histórica que existe por trás do “ser pedagogo”, em que se confunde cuidar e o educar e são atribuídas às mulheres uma visão maternal, no que se diz respeito ao ser pedagogo, e isso acaba dificultando o trabalho pedagógico (Frida)

É difícil, pois há muitas barreiras hoje em dia em relação à mulher, no mercado de trabalho e ainda o preconceito na nossa sociedade capitalista. (Margarida)

É complicado porque a mulher exerce várias funções, a de ser “mulher”, mãe, filha, esposa, etc., trabalhar em dois turnos e estudar a noite, torna-se muito cansativo e muitas vezes o que vem a mente é desistir (Flor 2)

É conturbado – por ter que conciliar casa, família, filhas e universidade. Temos que ser filhas, mães, esposas e alunas, assim ser mulher e universitária é muito conturbado (Mulher)

Percebe-se que as justificativas corroboram com os resgates literários que foram feitos no decorrer do estudo, evidenciando um caráter de controle e segmentação da mulher em sociedade. Alves e Alves (2013) evidenciam essa luta pela autonomia e protagonismo social da mulher, ao combater a opressão do sistema a qual estão sujeitas, ressaltam que apesar das lutas do movimento feminista e a conquista de sua inserção do mercado de trabalho o sistema atribui o exercício das atividades domésticas para mulheres.

Esse movimento realizou enormes conquistas, principalmente, relacionado a abertura do mercado de trabalho para a mulher. Porém é comum perceber, em nossa realidade a dupla ou tripla jornada de trabalho das mulheres que tem filhos e companheiros, pois além de trabalhar fora, tem que realizar os afazeres domésticos (ALVES; ALVES, 2013, p. 116).

Com relação à expressão **pessimista** Sol justificou:

Pessimista – mesmo diante das dificuldades, empecilhos e barreiras que podem encontrar no caminho de sua formação, não desistem e mantem focadas e determinadas a conseguir seus objetivos (Sol)

Pela justificativa podemos inferir que a entrevistada provavelmente queria enunciar a mulher pedagoga enquanto persistente e não como pessimista como o fez.

É indiscutível a questão dessa perspectiva feminina na realidade social, como nos aponta Gregori (2017):

Com muita resistência, persistência e luta, através do feminismo as mulheres conquistaram o mínimo de liberdade que hoje possuem, transformando muitos aspectos no modo como viviam, saindo para as ruas e para o mundo, ingressando no mercado de trabalho (GREGORI, 2017, p. 64).

A palavra **perdedora** foi justificada da seguinte forma:

Perdedora – pelo simples fato de ganhar conhecimento, porém perde momentos que de fato vale muito na vida de uma mãe, não ver os primeiros passos de seus filhos, perder momentos em família, por nunca ter tempo pra estar juntos. Os estudos, o trabalho, nos faz ganhar coisas e perder outras (Marina)

Para Marina a jornada que mantém no cotidiano possibilita a perda de momentos que para ela são cruciais em sua vida, e diante da sua subjetividade composto por mister de sentimentos a faz justificar o caminho acadêmico enquanto perda, vindo a representar a totalidade de sua convicção sobre o mesmo.

A expressão **humana** foi justificada da seguinte forma:

Ser mulher e aluna de pedagogia hoje é ser humana, porque trabalhar na educação é necessário o mínimo de humanidade possível, pois lidaremos com pessoas com sua individualidade (Flor)

Outra expressão justificada nessa dimensão enquanto mais importante foi a palavra **amor**, justificada da seguinte maneira

Dentro de qualquer profissão teremos que ter amor, pois nada se faz se não tivemos amor (Flavia)

Essas duas expressões podem ser justificadas a partir do pensar em Educação de Paulo Freire no qual aproxima o ato pedagógico de uma postura humana, de escuta, confiança, respeito e diálogo, aproximando a educação enquanto ato amoroso, que permite uma ação para libertação, permitindo reflexão da prática, compreendendo o sentido amoroso enquanto ato de confiança e reciprocidade (FREIRE, 1996).

Outra expressão justificada foi **felicidade/feliz**:

Ser feliz é o mais importante e entrar no curso de pedagogia foi um momento muito importante e feliz na vida (Chris)

A expressão remonta a um sentimento positivo associado a uma percepção de sucesso, que proporciona satisfação e bem-estar e ao entrar no curso de Pedagogia, Chris interpreta esse acontecimento enquanto algo satisfatório que proporcionou a sensação de êxito e bem-estar.

- **Dimensão empoderamento feminino**

Dentre as evocações evidenciadas pelas entrevistadas 51 adequaram-se à dimensão empoderamento feminino. Podemos perceber que essa perspectiva nos aproxima do objetivo principal da pesquisa, analisar os desafios encontrados em ser mulher no curso de Pedagogia.

Nesta dimensão, foram indicadas como mais importantes oito evocações: coragem (3); resistência (2); reconhecimento (1); empoderamento (1), esforçada (2), autonomia (1), vitória (1), liberdade (1) e feminismo (1).

Entre as 10 evocações para **coragem**, 3 a indicaram como mais importante e justificaram:

“Coragem, pois é necessário para enfrentar os obstáculos existentes na vida de uma mulher estudante de pedagogia. A vontade de transformar a sociedade pela educação” (Corrinha).

Diante a resposta, podemos perceber que a entrevistada traz um desejo de transformação do sistema social através da educação, mediante essa perspectiva, Santos (2008) aponta a educação enquanto promotora “[...] de novos conhecimentos necessários ao exercício de cidadania consciente, uma vez que sua função é capacitar o aluno para ser agente transformador da sua realidade social” (p. 7), corroborando assim as ideias do autor com a entrevistada.

A perspectiva da outra entrevistada resgata o interesse de mudança na própria educação, justificou:

“Corajosa, pois temos que ter coragem para enfrentar os desafios de mudar a educação do nosso país” (Laura).

Implementar políticas educacionais que visem uma educação de qualidade em consonância a uma sociedade mais consciente, faz parte dos desafios contemporâneos a educação. Esse contexto educacional impulsiona o profissional da educação a estar preparado

para exercer de forma qualificada seu papel no processo educativo, conduzindo-se em busca de formação que lhe dê base metodológica de trabalho.

Seguindo a entrevista, Maria 3, que enunciou a palavra coragem como mais relevante, justificou:

“Ter coragem de enfrentar uma luta diária mesmo com todos os obstáculos que são postos pela sociedade e companheiro (Maria 3).

A educação é uma das estratégias e principal ferramenta para romper com atitudes preconceituosas. Porém, para tornar possível a inclusão de igualdade faz-se necessário uma formação bem estruturada, pensada para corroborar com novas atitudes de reflexão na mudança no ensino, de maneira a desconstruir as atitudes de desigualdade.

Outras entrevistadas (8) evidenciaram a palavra **resistência** (2) enquanto mais significativa, a exemplo de:

“A resistência pelo fato que precisamos estar pronta para ser estudante, mãe, mulher, filha e saber resistir a todas as barreiras que nos aparece, tirando muito das vezes nossa força, é preciso resistir” (Marina)

“Resistência. Diante de tudo que as mulheres passam e já passaram na nossa sociedade” (Maria)

Essa expressão nos remete a trajetória de luta e resistência nos quais as mulheres precisaram superar para enfrentar as condições inerentes ao gênero nas sociedades, onde essas, “foram e vem sendo ao longo da nossa história palco de lutas e conquistas, avanços, recuos, resistência [...]” (SENA, 2004, p. 73).

Outras expressões justificadas nesta categoria enquanto mais importante foram as palavras “**empoderamento**”, “**autonomia**”; “**liberdade**” e “**reconhecimento**”. As sentenças nos direcionam a uma análise conjunta diante as semelhanças significativas, enquanto luta pelos direitos e reconhecimento na sociedade “que se refere a capacidade do indivíduo e/ou grupo poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito” (FERNANDES, *et al.*, 2016, p. 394).

As justificativas nos apresentam,

“empoderamento – a mulher possui potencialidades, intelectuais para atuar na sociedade como qualquer outro ser humano. (sexo masculino)”. (Lua);

“Autonomia, para viver, crescer como achar melhor. Autonomia de ser quem sou e correr em busca dos direitos, dependendo só de mim. Igualdade de direitos, de podermos ser quem somos iguais na diferença”. (Maria 4);

“Liberdade- pois a mulher pode ser o que ela quiser na sociedade, ela tem capacidade assim como o homem, liberdade de exercer seu papel no mundo, de ser reconhecido como todas” (Morena);

“reconhecimento – no atual cenário, no qual as mulheres não têm prestígio igual aos homens ainda reconheço que faço parte da minoria que tem oportunidade de estar na academia e ainda por cima no curso que sempre almejei” (Anna).

Ao inferirmos interpretação aos dados evidenciados percebemos que atualmente vivemos em uma sociedade sexista na qual prevalecem as regras heterossexualistas. Baseando-se nessa visão de gênero e sexualidade compreende-se que os comportamentos são constituídos através da cultura social, enraizados no biológico, além disso, nos deparamos com uma grande desigualdade de gênero.

Ao longo da formação e do desenvolvimento da agricultura, as civilizações foram surgindo e criando força. Desta forma, é possível perceber a evolução e as transformações vivenciadas pelas mesmas, nas quais relacionadas com a religião, comércio, cultura, governos, economia, política. Além dessas transformações, também é notório os aspectos relacionados aos sistemas de gênero, isto é, como foram se formando as relações entre homens e mulheres, as determinações de papéis e definições de atributos de cada sexo (LAUSCHNER; CAVALCANTE; TORRES, 2012, p. 3).

Ao passo que essas mudanças foram ocorrendo nas civilizações, foram se construindo as relações entre os papéis do homem e da mulher em sociedade, em que o primeiro seria o provedor e a segunda sendo impulsionada a serem cuidadora dos filhos e da casa, construído assim patamares diferentes nos seus papéis sociais formando o patriarcado (LAUSCHNER; CAVALCANTE; TORRES, 2012).

O papel dos movimentos sociais feministas tornaram-se primordiais na promoção do empoderamento feminino, visto que os movimentos promoveram condições para que as mulheres saiam da situação de alienação, fomentando um pensamento crítico para que ela seja modificadora de sua realidade. Quando a mulher compreende que o papel que ela desenvolve é uma questão social, um papel estabelecido e que de certa forma ela foi vítima de uma construção histórica, isso favorece a ampliação da sua percepção, podendo compreender o que levou a formação do pensamento que a fez discorrer que deverá ser submissa.

Observa-se que nas evocações das entrevistadas existe uma relação entre o objetivo do trabalho do movimento feminista e a autonomia feminina, e por conseguinte, empoderamento da mulher, ao evidenciarem que o condição de aluna de um curso superior é permeado por luta, resistência em busca de autonomia. Assim as análises corroboram com Paula, Costa e Ramos (2012) quando evidenciam que o sistema de educação no Brasil desenvolve políticas

educacionais dentro de uma visão de desigualdade de gênero, pois essas apresentam insistentes discriminação, contra a mulher explicitamente, o que limita o acesso bem como a permanência dessas no sistema educacional. Fazendo com que essas enfrentem além das dificuldades próprias de um sistema educacional, condições e dificuldades pautadas em questões de gênero.

- **Dimensão profissional**

Dentre as 22 evocações citadas nessa dimensão, a palavra **independência** foi justificada 1 vez.

Independência – isso foi em plano posterior, porque independência nem sempre está compreendida na mesma visão por todos. Nesse caso, independência de pensamento e conhecimento (Julinha)

É significativa a resposta da entrevistada, pois, a mesma evidencia a independência pelo conhecimento, em consequência, construção do senso crítico. Essa independência faz com que os atores sociais busquem sua autonomia e se tornem protagonistas sociais.

No que se refere a essa temática, Borges explora:

O novo padrão de trajetórias de vida das mulheres, calçado na ideia da despadronização, corrobora a institucionalização de uma concepção de mulher definida como sujeito ativo no processo de produção de sua trajetória, portanto, também de si mesma (2013, p. 80).

No cenário contemporâneo é cada vez mais evidenciado estes resultados nas trajetórias femininas, desinstitucionalizando o padrão do sistema de papéis, desenvolvendo uma progressiva garantia do discurso igualitário.

- **Dimensão sociofamiliar**

Na dimensão sociofamiliar estão presentes 13 palavras evocadas. Entre elas, fora eleita enquanto mais significativa a palavra **importante**, justificada

Importante - a mulher pedagoga é de fundamental importância, pois para lidar com crianças a mulher tem o dom, a delicadeza de uma segunda mãe na sala de aula, o papel de professor mistura aos cuidados de uma mãe (garota esforçada)

Garota esforçada nos traz a discussão à perspectiva da naturalização do papel da mulher em sociedade e o contexto das diferenças entre os sexos, ao evidenciar “a mulher tem

o dom [...] o papel de professor se mistura com os cuidados de uma mãe”, em que para a sociedade a maternidade é considerada enquanto dom de todas as mulheres, atribuindo a natureza feminina as demandas do mundo doméstico e naturalmente direcionadas a maternidade (BORGES, 2013). Mendes (2013) afiança esse prisma ao apontar em seu estudo que a sociedade manifesta que a maternidade e o cuidar das crianças são destinos naturais das mulheres. Desta forma, mesmo em um contexto diferente o imaginário da entrevistada perpetua essa condição enquanto algo pertinente às mulheres.

- **Dimensão política**

Nesta categoria foram evocadas 7 palavras, na qual a sentença **igualdade** foi justificada enquanto mais importante, vejamos a justificativa:

Igualdade – a educação é o único caminho pelo qual se pode obter igualdade, ser mulher e seguir caminhos da docência é ter esperança e confiança que a educação mudará rumos da sociedade (Vanessa)

A entrevistada nos fala que “a educação mudará os rumos da sociedade”. Reforçando as ideias já defendidas anteriormente, salientamos que ao sinalizar igualdade enquanto conceito político, supomos a existência da diferença, evidenciado no contexto da diversidade.

Meyer (2008) ressalta que:

Os processos educativos [...] assumem uma grande importância, uma vez que a produção dessas identidades e também, das diferenciações e desigualdade sociais delas decorrentes resulta, na maioria das vezes, de pedagogias que envolvem estratégias sutis, refinadas e naturalizadas, exaustivamente repetidas e atualizadas na cultura, que quase não percebermos como sendo educativas (p. 20).

Esse contexto educacional impulsiona o profissional da educação a estar preparado para exercer de forma qualificada seu papel no processo educativo, evidenciando a relevância de todos os atores envolvidos no processo de ensino, discutir e refletir a respeito da cultura social vigente, contribuindo, desta forma, para o rompimento dos preconceitos enraizados e consolidados numa sociedade que respeite a diversidade.

- **Dimensão religiosa**

A entrevistada Fe enunciou como mais importante à palavra **fé** e justificou o seguinte

Elejo como lema a fé, pelo fato de por meio dela desprender-me de toda desvalorização social e econômica pelo conhecimento de quem

sou, para onde vou e onde posso chegar. Se para sociedade for mulher e cursar pedagogia um curso tão desvalorizado economicamente é motivo de desistência, para mim é um impulso além, e a fé nos permite recriar quem sou todos os dias (Fe)

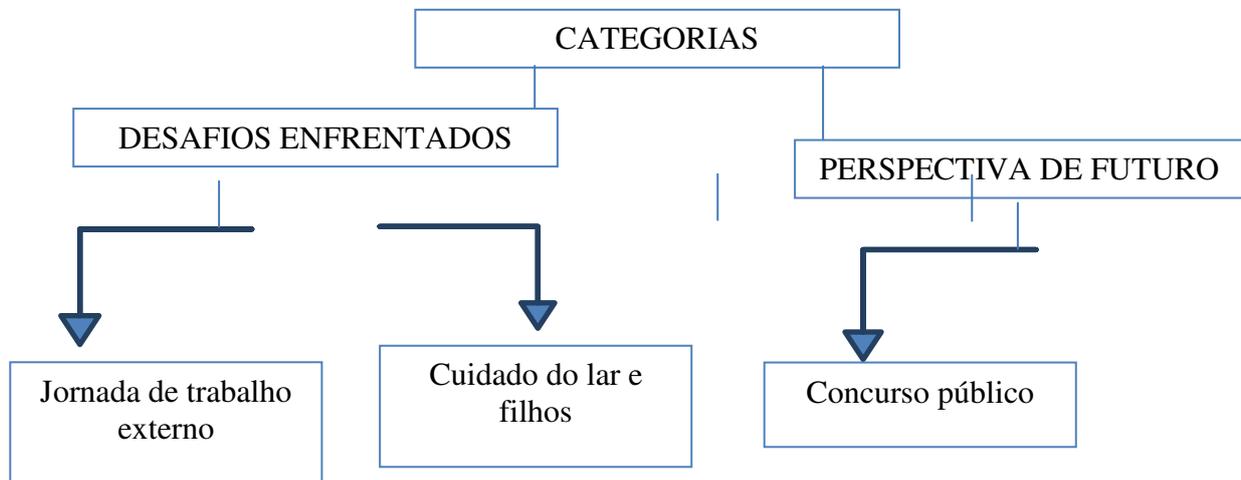
Fe relaciona à trajetória e perspectiva dentro da Pedagogia a dificuldade inerente do processo “desvalorização”, “motivo de desistência”, relato comum no decorrer da análise sobre o fenômeno. Embora tenha colocado sua justificativa na expressão fé, a análise nos remota a uma perspectiva de resistência, uma prática que perdura no grupo feminino ao enfrentar as demandas do dia a dia e que estão em constante evidência, nos quais as mesmas têm resistido e buscado superar seus limites,

Após a análise das entrevistadas sobre *Ser mulher e aluna de Pedagogia*, analisaremos a seguir, as entrevistas, cuja finalidade é atender aos objetivos, geral: Identificar os desafios e perspectivas das mulheres alunas do curso de Pedagogia do CFP/UFCG e os específicos: Averiguar os fatores intervenientes que as alunas enfrentam para fazer o curso de Pedagogia; Compreender os desafios existentes no decorrer do curso e Analisar quais as perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso Pedagogia.

3.2.2 Entrevista

A partir das falas das participantes, se desencadearam as seguintes temáticas: a) desafios enfrentados; b) Perspectiva de futuro. Surgiram também as seguintes categorias: jornada de trabalho externo, cuidado do lar e dos filhos e efetivação em concurso, que se enquadrava à problemática de estudo: quais desafios e perspectivas das alunas do curso de Pedagogia do CFP/UFCG? Tais categorias foram analisadas a partir das falas das alunas, separando-se por unidades de conteúdo, recortes nos quais as mesmas se referem a cada uma delas, como pode ser observado no Organograma 01, a seguir:

Organograma 01: Desafios e perspectivas ao ser mulher e aluna de Pedagogia



Fonte: dados da pesquisa, 2018

No que se refere aos desafios enfrentados pela mulher aluna de Pedagogia, uma das necessidades apontadas foi desenvolver um trabalho remunerado para garantir a sobrevivência.

Neste sentido, pode-se perceber no discurso das alunas que:

[...] penso que só tenho desafio enquanto mulher, pobre, trabalhadora que tem que dá com contra turno, tem que trabalhar durante o dia e a noite tem que estudar. Então acho que o empecilho maior mesmo é só o trabalho, a perspectiva da sobrevivência (Beatriz).

O maior desafio encontrado é a jornada pesada como mulher, precisamos trabalhar fora [...] (Su)

Essa não é somente uma realidade encontrada por essas entrevistadas, os dados corroboram com as ideias de Fernandes (2013) ao constatar a presença crescente da mulher no mercado de trabalho enunciando que “[...] a mulher assumiu uma profissão quando ela deixou o espaço privado (ex: casa) para conquistar o espaço público. Uma destas conquistas foi o setor da educação” (p. 7), fator atribuído à necessidade econômica decorrente das mudanças no mundo capitalista.

Tal perspectiva é uma realidade bastante recorrente nas Universidades segundo os dados dos Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em que demonstra que 14,8% da população brasileira entre 18 e 24 anos, trabalham e estudam.

Referindo-se a categoria “cuidar do lar e/ou filhos” identificamos através das participantes da pesquisa que cabem as mesmas a responsabilidade do cuidar, conforme evidenciado nas seguintes falas:

Eu acho que um dos maiores desafios é conciliar o estudo com a maternidade (Si)

[...] você precisa estudar e dar conta da casa, esses são os desafios mais enfrentados (Rosa)

Nesse contexto, torna-se visível que o sistema patriarcal ainda permanece na atualidade afetando de alguma forma no cotidiano de entrada e permanência da mulher no ensino superior, essa diferença é perceptível na seguinte fala da entrevistada Helo.

[...] o homem tem mais disponibilidade quando ele se dedica, né? ao curso, do que uma mulher por muitas vezes..., eu tiro pelos meninos que estudam comigo eles tem o dia todinho para estudar, já eu não, quando chego em casa, tenho as atividades para fazer, né? então acho que é uma das maiores dificuldades (Helo)

A este respeito, Ribeiro (2016) aponta o desnivelamento no tratamento entre homens e mulheres, contribuindo no processo de desigualdade de gênero. Para ele, “diariamente as mulheres mãe são coagidas, orientadas e instruídas a adquirir certas práticas relacionadas com a maternidade [...], frequentemente tendo suas vontades próprias e características subjetivas surrupiadas com o propósito de manutenção do sistema patriarcal” (p. 27). Dessa forma, a mulher que é mãe diante do sistema vigente encontra-se com uma maior dificuldade para conciliar os estudos com a maternidade.

Baseado nessa perspectiva, inferimos que um dos principais desafios encontrados pelas entrevistadas refere-se ao sistema com necessidade de desmitificação da “cultura patriarcal” impregnada pela historicidade cultural na sociedade. Desta maneira, é expressa a importância dos movimentos feministas ao lutarem pela efetivação dos direitos iguais entre os gêneros.

Sobre a categoria “perceptiva de futuro” fora incluída a categoria desejo de efetivação em um concurso público. Chamamos atenção para essa categoria, pois essa também configura-se um reflexo da condição de gênero, desvalorização da mulher no mercado de trabalho, onde há a necessidade de uma capacitação superior para se “igualar” a sociedade trabalhadora masculina.

Os recortes das falas das entrevistadas a seguir, dá-nos base para análise.

*“As perspectiva são almejar um **cargo melhor mais valorizado** não é, fazer um concurso público” (Su- grifo nosso).*

*“Eu pretendo arrumar um emprego né, **um emprego bom** que seja concursado” (Rosa – grifo nosso).*

As narrativas feitas pelas alunas retratam uma realidade de uma segregação da mulher no mercado de trabalho. Ao analisar as fala pode-se depreender que as mesmas podem encontrar-se em cargos ínfimo e de desvalorização. Nesse sentido, corroborando com o que nos diz os Parâmetro do Centro de Estudo Sindicais e Economia do Trabalho (BRASIL, 2017), que nos versa sobre a participação da mulher no mercado de trabalho e sua autonomia social.

No mundo do trabalho, embora sua participação percentual venha aumentando, as mulheres continuam não alcançando cargos mais elevados nas empresas ou nas instituições privadas ou públicas [...] é que suas opções profissionais, bem como suas possibilidades de progressão nas carreiras escolhidas são condicionadas por vários fatores, frequentemente associados a valores culturais mantidos pelo patriarcado (p. 21).

Reafirmando essa ideia, Muniz, Bacha e Pinto (2015) apontam que as mulheres configura-se uma classe com remuneração inferior mesmo ao ocuparem cargos com mesmo padrão de serviço que os homens, bem como sua representatividade em cargos mais importantes tem uma porcentagem significativamente menor, “elas ainda se encontram em atividades mais vulneráveis, recebendo rendimento menores que os homens e apresentam maiores chances de ficarem desempregadas” (BAYLA; SCHETTINO, 2014, p. 10-11).

Em meio a todo processo de reconhecimento e melhor valorização da mulher em sociedade, as alunas entrevistadas demonstram a partir de suas falas, em ambos instrumentos de pesquisa utilizados, um contexto social com muita desigualdade e preconceito de gênero, percebemos assim que o sistema apesar de ter sofrido modificações e mostrado avanço quando as desigualdades e garantias dos direitos, a sociedade mantém o patriarcado. Desta forma faz-se necessário um desprendimento do modelo cultural vigente que ainda perpetua na sociedade deste país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero é um fenômeno perceptível em todos os âmbitos sociais, uma construção enraizada ao longo dos anos, conseqüentemente uma manifestação recorrente no meio acadêmico e social. A mudança que se faz necessária, e o debate que precisa ser feito, vai além da conscientização nas Universidades e sala de aulas, ou de modificações necessárias para adequação às leis de garantias de direitos.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise mais aprofundada, por meio de entrevista semiestruturada e do TALP, a fim de facilitar o processo dos resultados e obter dados pertinentes sobre a concepção das alunas sobre a perspectiva de ser mulher no Curso de Pedagogia. Além disso, proporcionou também um melhor aprendizado através da literatura exposta.

Para as alunas do penúltimo período de Pedagogia, em 2018.2, ser mulher e aluna de Pedagogia é acima de tudo, ser afetada positiva e negativamente. Visto que para elas, sentimentos ambíguos perpassam sua trajetória de vida, como: amor, felicidade, humana e andam de mãos dadas com ser difícil, complicado, conturbado, a ponto de ser pessimista e sentir-se perdedora.

Seguindo, ser mulher e aluna de Pedagogia é ser empoderada, com coragem, resistência, autonomia e liberdade, tendo reconhecimento, sendo esforçada, garantindo a vitória. Possibilitando recursos para evitar e/ou superar a desigualdade de gênero, promovendo assim o empoderamento feminino, construindo a tomada de consciência crítica.

Constatou-se também, que para as mesmas a perspectiva da futura atividade profissional, poderá suscitar sua independência, provocando sua autonomia. Ainda acerca da compreensão sobre ser mulher e aluna de pedagogia, foi revelado o grau de enraizamento da cultura machista diante das falas das alunas entrevistadas ao evidenciar a importância da profissão, por se tratar de um “dom” feminino o cuidar, por isso sua significância na atuação junto a pedagogia. Bem como as questões políticas na busca da igualdade através da educação.

A respeito do entendimento das alunas acerca do objeto de estudo foi constatado a perspectiva religiosa com enunciação da fé enquanto parâmetro para superar as limitações inerentes da trajetória acadêmica.

Ao averiguar os fatores intervenientes que as alunas encontram para fazer o curso de pedagogia vimos que se desenvolve com uma perspectiva baseada nos desafios de coordenar á

vida acadêmica com trabalho externo e cuidado do lar e dos filhos, bem como a perspectiva de valorização social por meio de um emprego digno.

Com a intenção de compreender os desafios existentes no decorrer do curso, para as entrevistadas, tais desafios estão em desenvolver um trabalho externo em concorrência com os estudos. Percebeu-se que a literatura que estuda o fenômeno constata essa presença crescente da mulher no mercado de trabalho e acadêmica. Outro fator interveniente encontra-se na dificuldade de conciliar os estudos com a maternidade, mediante o sistema que atribui a essas todas as responsabilidades dos filhos e do lar.

E quando analisamos quais perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso de pedagogia, elas afirmam que almejam um cargo em um concurso público que possibilitem uma ascensão social para melhor valorização em sociedade, para conquistar direitos e avanços em dissolver as desigualdades sociais.

Cabe salientar que o presente trabalho não esgotou a compreensão sobre o fenômeno, mas buscou suscitar novos questionamentos que permitirá aumentar o conhecimento e compreensão desse, acreditando-se que é necessária uma explanação maior acerca deste tema para comunidade científica.

REFERENCIAS

ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. In: **IV seminário, CETROS**, Fortaleza, 2013.

AGUIAR, N. patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2. P. 304-330, 2000.

BAQUERO, R. V. Empoderamento instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista debates**, v. 6, n. 1, p. 173-187, 2012.

BAYLA, A. L. S.; SCHETTINO, E. M. B. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. In: **XI Simpósio de excelência em Gestão e tecnologia**, 2014.

BORGES, C. C. Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. **Psicologia em estudo**, v. 18, n. 1, p. 71-81, 2013.

BRASIL. Lei 11340, de 07 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Diário oficial: Brasília, 2006.

_____. Ministério público do distrito federal e territórios. **Mulher, valorize-se, conscientize-se de seus direitos**. MPDFT. 6º ed., 2012.

_____. Secretaria especial de políticas para as mulheres. **As mulheres e o mercado de trabalho**. São Paulo: CESIT, 2017.

CARMUÇA, S. ‘Nós mulheres’ e nossa experiência comum. **Cardemos crítica feminista**, n. 0, 2017.

CONCEIÇÃO, A. C. L. Teorias feministas da questão da mulher ao enfoque de gênero. **Revista brasileira de sociedade e educação – RBSE**, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009.

COUTINHO, M. P. L. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 2). **Revista campo do saber**, v. 3, n. 1, p. 219-243, 2017.

CUNHA, B. M. Violência contra mulher, direito e patriarcado: perspectiva de combate a violência de gênero. In: **Anais da jornada de iniciação científica de Direito da UFPR**, 2014.

FANTIN, G.; D’AGOSTINI, F. P.; MARCO, T. T. Conquistas e atuais desafios no movimento feminista. In: **anúário pesquisa e extensão unoesc**, videira, 2018.

FERNANDES, M. A. A inserção da mulher no mercado de trabalho: um estudo sobre a perspectiva do psicólogo. **Revista gestão e conhecimento**, v. 1, 2013.

FERNANDES, T. S.; LOPES, E. S. C.; WANASE, M.; YAMAGUCHI, C. K.; GODOI, C. K. D. Dimensões do empoderamento feminino: autonomia ou dependência? **Revista Alcance**, v. 23, n. 3, p. 391-413, 2016.

FOLLADOR, K. I. A mulher na visão do patriarcado Brasileiro: uma herança ocidental. **Revista faro & versões**, v. 17, n. 2, p. 3-16, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. Paz e terra: coleção leitura, 25º ed., 1996.

GERHARDT, I.; SILVEIRA, D. **Métodos e pesquisa**. Universidade Federal do rio grande do sul. Porto Alegre, 2009.

GREGORI, I. J. Feminismo e resistência trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Caderno espaço feminino**, v. 30, n. 68, p. 47-68, 2017.

GIL, A. C. **Metodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAUSCHNER, M. C. X. E. S.; CAVALCANTEM M. S.; TORRES, I. C. Mulheres e mercado de trabalho conquista, dramas e sofrimento. In: **IV seminário de trabalho e gênero: protagonismo, ativismo, questões de gênero revisitadas**, 2012.

MENDES, I. A. M. **O perfil do aluno do IFMMG campus Januário em perspectiva sociológica**. 2015. 145f. Dissertação (mestrado em Sociologia Política) – universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MEYER, D. E. **Gênero e sexualidade na educação escolar**. In: Educação para igualdade de gênero. Org: Ministério da educação. Brasília, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: vozes, 2008.

MUNIZ, D. D.; BACHA, F. B.; PINTO, J. M. Participação feminina no mercado de trabalho. **Revista científica eletrônica UNISEB**, v. 6, n. 6, p. 82-97, 2015.

PAULA, S. L.; COPSTA, K. A.; RAMOS, L. L. V. O gênero abordado no material didático na disciplina de sociologia no ensino médio. In: **IV seminário de trabalho e gênero, protagonismo, ativismo, questão de gênero revisitadas**, 2012.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: **Anais do I simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas**, Londrina, 2010.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista sociologia política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. Rio grande do sul: FEEVALE, 2013.

QUADROS, A. C. **A trajetória e desafios dos alunos do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio do instituto federal do norte de minas gerais**. 2017. 134f. Dissertação (mestrado em educação) – universidade estadual do sudoeste da Bahia, vitória da conquista, 2017.

RIBEIRO, F. G. **Mães estudantes desafios da maternidade e da permanência na universidade enfrentados pelas alunas do curso de serviço social da UnB**. 2016. 63f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em serviço social) – universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, I. **A educação para diversidade: uma pratica a ser construída na educação básica**. 2008. 40f. Produção didático-pedagógica – programa do desenvolvimento do Paraná – PDE, Cornélio Procópio, 2008.

SANTOS, S. M. M.; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista katal**, v. 13, n. 1, p. 11-19, 2010.

SENA, F. M. R. **Mulheres em movimento construção de relações de gênero na militância política das mulheres**. 2004. 174f. Dissertação (Mestrado em políticas públicas) – universidade estadual do ceara, fortaleza, 2004.

SOUZA, E.; BALDWIN, J.R.; ROSA, F. H. A construção social dos papeis sexuais femininos. **Psicologia: reflexão e critica**, v. 13, n.3, p. 485-496, 2000.

TAVARES, D. V. S.; BRITO, R. C.; CORDULA, A. C. C.; SILVA, J. T.; NEVES, D. A. B. Protocolo verbal e teste de associação livre de palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informativa. **Ponto de acesso**, v. 8, n. 3, p. 64.79, 2014.

APÊNCIDE A

TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS – TALP

Complete a seguinte expressão com seis palavras que lhe venham à mente:

Ser mulher e aluna de Pedagogia é

() _____ () _____

() _____ () _____

() _____ () _____

Agora, enumere por ordem de importância e justifique a eleita como mais importante:

Justifique a número 1:

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

- Pseudônimo: _____

- Idade: _____

- Estado Civil: _____

- Filhos: _____

APÊNDICE C

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1 - O que a motivou cursar pedagogia?

2 - Sendo aluna mulher de Pedagogia quais são os maiores desafios enfrentados para concluir o curso de Pedagogia?

3 - Quais as perspectivas que você deseja alcançar com a conclusão do curso de Pedagogia?

4 - Diante de cada desafio enfrentado para a conclusão do curso de Pedagogia, você acredita que as perspectivas superam esses desafios? Por quê?

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida(o) por Sara Sheyla Santana Alves. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por Luisa de Marillac Ramos Soares, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (83) 98780.9114 ou e-mail marillacrs@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é identificar os desafios e perspectivas das mulheres alunas do Curso de Pedagogia do CFP/UFCEG, averiguar os fatores intervenientes que as alunas enfrentam para fazer o Curso de Pedagogia, compreender os desafios existentes no decorrer do curso e analisar quais as perspectivas que as alunas possuem com a conclusão do curso.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, questionários e testes projetivos. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Cajazeiras, PB, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____